
- **REFLEXÕES ACERCA DA SEMIOLOGIA DAS AFASIAS**

Coordenador(a): Rosana do Carmo Novaes Pinto

Questões acerca da semiologia das afasias têm sido objeto de grande parte dos trabalhos na área, tanto no que se refere às categorias clínicas quanto à descrição dos chamados "sintomas". A perspectiva enunciativa presente em nossas análises contribui para uma melhor compreensão das afasias e questionam a semiologia tradicional.

A RELAÇÃO ORALIDADE / LETRAMENTO NA SEMIOLOGIA DAS AFASIAS

Heloísa de Oliveira Macedo (UNICAMP)

Este trabalho trata da relação entre oralidade e letramento na semiologia das afasias a partir da atividade de refacção textual escrita realizada por sujeitos afásicos. Tal atividade permite-nos identificar os afásicos como escritores/leitores competentes nas diferentes modalidades de linguagem. Estudar a refacção significa investigar sobre em que medida o fato da escrita ser

considerada como atividade de “tomada de posição” frente ao objeto lingüístico pode modificar o que se pensa sobre a relação entre escrita e oralidade. Consideramos que o processo de refacção seja, ou demande, um procedimento epilingüístico integrado às demais funções da linguagem, constituindo-se uma atividade lingüístico-discursiva, em que linguagem e cognição têm uma relação mútua de constitutividade. Nesse sentido, promove uma reflexão sobre a semiologia das afasias ao romper com estruturas de avaliação e classificação das mesmas a partir de procedimentos estanques e descontextualizados. Salientamos o entendimento das afasias a partir da relação entre as diversas modalidades de linguagem, especialmente oral e escrita. Para estudar a refacção, selecionamos amostras de escrita de NS, afásica, que já lia e escrevia antes do AVC. O material para análise consiste-se da escrita da história de vida de NS. Concluimos que a realização da refacção textual juntamente com um interlocutor demonstra a preservação, apesar da afasia, de aspectos cognitivos relativos ao conhecimento das regras e da estrutura do texto escrito e que tais aspectos acontecem a partir de uma ocorrência conjunta e dialética entre oralidade e letramento - o que nos leva a questionar a tradicional classificação das afasias.

PRODUÇÃO DE PARAFASIAS LEXICAIS E SEMÂNTICAS: REFLEXÃO A PARTIR DOS ESTUDOS SOBRE REFERENCIAÇÃO

Íria Marjori Schubalski Reisdorfer

Há ainda muitas questões na literatura neuropsicológica e neurolingüística a serem elucidadas com respeito às chamadas parafasias lexicais ou semânticas. Uma delas trata de definir se tais fenômenos são o resultado da perda do conhecimento (competência lingüística dos sujeitos) ou devidos a questões relacionadas ao funcionamento da linguagem. A crítica geralmente feita à primeira hipótese relaciona-se à dificuldade em explicar de que forma tal conhecimento possa estar perdido se há momentos em que a palavra vem à tona, mesmo que na forma de uma parafasia. É importante mencionar ainda que a literatura tradicional da área não considera semelhanças entre a linguagem nas afasias e a dos sujeitos não-afásicos, dentre os quais o fato de que processos parafásicos ocorrem também em situações de cansaço, distração, etc., o que já havia sido apontado por Freud, no final do século XIX. Segundo ele, por parafasias entende-se uma perturbação da linguagem em que a palavra apropriada é substituída por uma outra, que tem uma certa relação com a palavra alvo. A semelhança se dá quanto ao seu sentido ou quando ligadas entre si por uma associação corrente, ou quando a troca é feita por um som semelhante, sendo que esta última, chamada parafasia fonético/fonológica não será objeto deste trabalho. Na busca de uma caracterização neurolingüística das parafasias, recorre-se ao conceito de referenciação que, numa perspectiva sócio-cognitiva, o concebe como uma atividade que constrói os referentes como objetos de discurso e não como objetos de mundo. A interação nesta perspectiva é ponto de convergência para a construção desses referentes ou dos sentidos, não a sua fonte. Nesse sentido, o conhecimento lexical não seria relevante isoladamente, e sim numa perspectiva dos indivíduos em interação no processo de categorização e referenciação, que permite ainda redefinir outros conceitos relacionados, como o de palavra-alvo e anomia.

SEMIOLOGIA DA LINGUAGEM, SEMIOLOGIA DAS AFASIAS

Monica Cristina Gandolfo (UNICAMP)

Tratar da semiologia das afasias é, antes de tudo, tratar sobre a semiologia da linguagem. Através dos movimentos históricos pelos quais foi passando, a semiologia da linguagem no campo dos estudos da patologia buscou contato com outras ciências que não só a Lingüística. Com o objetivo de refinar as análises, as pesquisas passaram a considerar ainda os estudos semânticos e

pragmáticos, já que se torna difícil conceber um sistema de objetos ou de imagens cujos significados possam existir fora da linguagem ou, em outras palavras, que se restrinja unicamente ao sistema da língua. Os estudos afasiológicos apoiaram-se, no século XX, em modelos lingüísticos que priorizam a língua e sua estrutura ou na competência dos falantes e que se mostram hoje inadequados para a abordagem dos fenômenos observados nas afasias. A vantagem em se adotar uma abordagem discursiva nos estudos neurolingüísticos vem do fato de que pode subsidiar um outro paradigma semiológico da linguagem, que leva em consideração a língua e a sua exterioridade. Para a pesquisa neurolingüística, além de trazer implicações ao estudo das afasias, contribui também para entendermos os processos alternativos de comunicação e significação.

UMA REINTERPRETAÇÃO DO CONCEITO DE GRAU DE SEVERIDADE A PARTIR DE UMA CONCEPÇÃO ENUNCIATIVO-DISCURSIVA DE LINGUAGEM E DOS RELATOS DOS SUJEITOS AFÁSICOS SOBRE SUAS DIFICULDADES

Rosana do Carmo Novaes Pinto (UNICAMP)

Uma das questões sobre as quais tenho refletido, como pesquisadora da área de Neurolingüística, diz respeito aos recortes teóricos e metodológicos que subjazem às classificações dos fenômenos lingüísticos nas afasias em categorias estanques, puras, invariáveis, amparadas por uma metodologia quantitativa e por resultados de testes metalingüísticos. Um dos expedientes que serve à classificação tradicional é justamente o de grau de severidade, recorrente na literatura neuropsicológica, estando presente na maioria dos estudos que tratam das chamadas categorias clínicas e, seguindo a tradição, é definido em relação ao que se considera normal na produção da linguagem. Assim como afirmamos que um afásico não é afásico o tempo todo e que as condições de produção dos enunciados são fundamentais para compreender sua produção, os dados obtidos nas sessões do CCA permitem afirmar que também o grau de severidade de afasia de um sujeito não de ser considerado apenas em função de uma avaliação clínica, ou seja, da evolução de um quadro neurológico - para melhor ou para pior. Muitas das variações encontradas nos sintomas de uma determinada categoria clínica, seja para diferenciar a produção de diferentes sujeitos ou para explicar a variedade de ocorrências na produção de um mesmo sujeito encontram suporte teórico no conceito de grau de severidade. O maior problema que constatamos em relação aos testes que se propõem a avaliar o grau de severidade nas diferentes formas de afasia diz respeito aos parâmetros considerados normais, a partir dos quais o afásico é avaliado e classificado. Esses parâmetros são o da linguagem produzida por um falante da variedade padrão, portanto aquele escolarizado, o que reduz consideravelmente a chance de que tal modo de avaliação possa ser adequada para a grande maioria dos sujeitos afásicos ou mesmo da população de não-afásicos, especialmente em países como o Brasil.